

No limítrofe

Edição: Spensy Pimentel

Uma semana após a “grande final” de *No Limite*, o mais novo fenômeno de audiência da megaindústria de Roberto “Kane” Marinho, reuniram-se quatro confessos intelectuais de boteco para a adequada tarefa de, induzidos pelo êxtase proporcionado pelo álcool, refletir sobre o significado do sucesso do programa, da inovação formal/semiótica que ele pode ou não representar e, sobretudo, da vitória da cabeleireira Elaine, possivelmente enigmática até para ela mesma.

À mesa, amendoins e cerveja Bohemia, condizendo com o ambiente Vila Madalena de fundo de cemitério. Um dia comum no pacato trânsito paulistano impossibilitara e/ou servira como desculpa para que outros companheiros comprometidos com a nobre causa de alcançar a luz e a razão para o bem da humanidade se ausentassem.

Os desdobramentos da onda *No Limite* ainda não eram tão visíveis como agora quando essa conversa aconteceu. Elaine não tinha lançado seu *Vivendo no Limite*, livro de auto-ajuda em que conta como vencer suas barreiras interiores e vencer qualquer obstáculo. Pipa ainda não posara para a *Vip*, e as fotos da Andréia para a *Playboy* ainda não tinham sido devidamente analisadas pelos nossos articulistas. Tampouco a MTV anunciara o seu *Vinte e Poucos Anos*, versão brasileira de *Na Real*. De todo modo,

NO LIMITE

aqui vai o compacto com os melhores momentos da conversa.

Spensy Pimentel – Por que será que o programa teve toda essa audiência e despertou tanto debate?

Newton Cannito – Porque aparecia todo dia, em todos os jornais da Globo.

Maurício Hirata – O prêmio, não acho que é a diferença. No *Silvio Santos* as pessoas fazem de tudo por 50 reais...

Alfredo Manevy – Não, vamos levar em conta que foi realmente uma novidade na história da TV brasileira, mesmo copiando o modelo americano. Não é novidade colocar gente comum na TV, o *Silvio Santos* já faz isso há muito tempo. Só que em gincanas. Agora foi uma novelinha, enfocando relações interpessoais. A MTV já tinha apresentado isso, mas a partir dos

americanos. Nunca um canal aberto tinha feito algo do tipo.

Temos que lembrar que o Zeca Camargo era da MTV e já foi pro *Fantástico* com a idéia do programa na cabeça, junto com o Boninho. Há quatro anos que eles insistiam no projeto, a Marluce é que não queria. Só mudou de idéia e resolveu apostar com o sucesso do *Survivor*, a versão americana. Mas quem começou com tudo isso foi a MTV e aqueles programas que juntam adolescentes pra apresentar seus conflitos, o cotidiano. É até mais interessante que *No Limite*...

Maurício – Melhor pensado e melhor filmado...

Spensy – Mas, será que o verdadeiro apelo está nesse enfoque da “vida real”? Não seria a competição, o ambiente primitivo?...

Maurício – É o sadismo. A pessoa gosta de ligar a TV e ver alguém se ferrando mais que ele próprio. Inclusive, à medida que os espectadores foram sacando que a coisa não era tão forçada a audiência foi caindo.

Spensy – E o episódio do olho de

Nome: Leandro Saraiva

Profissão: Vendedor de livros usados e Editor de revista de esquerda

Status: Eliminado

Porque foi eliminado: “Mais uma vez a Cultura, a Arte, o Absolut e o meu dedão foram esmagados pelo mercado. A pilha de livros que se abateu sobre mim é parte da vasta estrutura de opressão que nos oprime. Não me enganam. Mas venceremos, assim que eu conseguir sair desta fila do PAS.”





Nome: Alfredo Manevy

Profissão: Frentista e Agitador cultural

Status: Sobrevivente

Porque vive No Limite: “Tenho uma habilidade que nenhum dos outros concorrentes possui. Quando vejo um carro passar na rua, sou capaz de definir a gasolina que ele tá usando só pelo cheiro. Shell é amarga, puro napalm. Esso já é espessa, com certos odores secretos de cidra. As gasolinas prêmio rendem mas não têm a sedução rústica das gasolinas selvagens que abastecem os fuscas deste país. Vou a pé para o trabalho e para os cinemas, e quero muito ganhar o carro que é prêmio deste concurso. Ninguém precisa de um mais do que eu.”

cabra?

Maurício – Foi o único mais agressivo. Teve um que eles tinham que derreter gelo... Qual era a graça? Tanto que a montagem do programa foi sintética, não havia o que mostrar... “Graças ao sol quente, o gelo foi derretido”. Foi mal pensado, mal articulado a partir da proposta.

Alfredo – Acho que o programa parte da premissa de que a vida real pode ser super emocionante. Só que ela não é, então eles tentaram compensar isso colocando trilha sonora, fazendo uma montagem excitante... Por exemplo, repare que eles montaram os episódios em função da pessoa que ia ser eliminada. Era normalmente quem mais aparecia no decorrer da ação. No final a pessoa era excluída, aparecia um clipe com trechos do cotidiano do acampamento, uma música dramática... Para emocionar mesmo. Porque a “vida real”, os momentos em que aparecem as conversas entre eles, uns planos maiores... Acho que era aí que abaixava a audiência.

Spensy – Alguém escreveu que esse tom emocional não existia na versão americana...

Maurício – Era bem mais agressivo. O sujeito que ganhou era gay, mas era um armário. As provas eram agressivas. Acho que a versão brasileira era bem mais *light*...

Spensy – Mas o sujeito que fez a comparação chama a atenção pra isso ser uma marca de latinidade, o prazer que o telespectador daqui tem em chorar junto com o sujeito que está sofrendo...

Alfredo – Eu acho que mudou a proposta. A versão americana ia na direção da resistência física... As provas de *No Limite* eram mais estilo *Passa ou Repassa*, *Sílvio Santos*, ou provas cerebrais, com escolhas, opções...

Aqui apostaram no bate-papo, nas discussões entre tipos sociais muito diferentes. Acho que a hipótese do programa era que colocar um latifundiário, um pobre, uma mulher de motoboy, uma mulher de caminhoneiro, uma humanista de Porto Alegre, gente de várias classes sociais, diferentes locais do país, isso ia dar algo

interessante na tela. Discussão, baixaria... E deu mesmo. A Andréia, por exemplo, era previsível que aprontaria lá. Ela fala na cara, bate boca, diz o que quer...

Maurício – O Amendoim é outro, “consciência negra” etc.

Spensy – Teve um que chamou a outra de baiana...

Alfredo – Numa discussão entre a Andréia e a Juliana: “Eu, quando casei com meu marido, ele era pobre, era caminhoneiro. Se ele enriqueceu, a culpa não é minha. Não tenho culpa se você é casada com um motoboy, o problema é seu, minha filha”. A Andréia era diferente: verbalizava, mostrava intenção social. A resistência física dos americanos, acho que se converteu na questão da fome em *No Limite*.

Spensy – É até curioso que a mais gorda tenha ganhado. Justamente os gordos é que em teoria podem resistir mais à fome. No final todos reclamavam da fraqueza, talvez ela tivesse mais energia acumulada...

Maurício – No fim eu fiquei mal pela Pipa, aquela situação tipo Brasil x Camarões, páreo certo... O dinheiro estava ali. Veio uma onda e derrubou a Pipa, a outra levou a Elaine até a praia. Uma eventualidade!

Spensy – Mas é que a Pipa não tinha estabilidade emocional, a persistência paulistana, estilo “vou trabalhar para vencer na vida”...

Newton – “Devagarzinho você chega lá”...

Alfredo – Engraçado que as duas diziam que eram as únicas que tinham chegado ao final “sem pisar em ninguém”...

Spensy – Foi a grande alegoria da ética brasileira. Rendeu artigos e mais artigos na Folha...

Alfredo – Mas havia duas éticas: a dos personagens, que era eventual, e a do próprio programa, que permanece. Podem

variando as pessoas que vão, mas as regras são sempre as seguintes: compete-se em jogos e no final uma figura deve ser excluída segundo critérios próprios de cada equipe. Não era quem ganhou, quem perdeu, e sim quem está atrasando o grupo...

Maurício – Eliminação do mais fraco. Regra democrática básica.

Newton – Não, era quem eles quisessem.

Spensy – O Marcos foi eliminado por ser xarope, não agüentavam mais ele...

Alfredo – Acho que havia diferença entre as duas etapas, a coletiva e a individual. Na coletiva, escolhiam o mais fraco. Na individual, o mais forte. O engraçado era a combinação de democracia e exclusão. Todos votavam e se justificavam... Uma metáfora perfeita do Brasil contemporâneo, bastante consciente. E ainda com um semideus, que é o Zeca Camargo, num cenário grotesco, que lembra Miami, mas é Ceará, totalmente novo *rich*... E o semideus é a única figura que está acima da democracia e pode em alguns momentos explicar as regras e exercer arbítrios sobre-humanos. É uma metáfora do poder no Brasil hoje...



Nome: Mauro Baptista

Profissão: Funcionário público e Cineasta

Status: Eliminado

Porque vive No Limite: “Porque teimo em viver embaixo da linha de Equador e trabalhar com cultura.”

Porque foi eliminado: “Porque recusei vários cartões de crédito. Porque li o romance de Mino Carta, *O Castelo de Ambar*.”

Nome: Newton Cannito
Profissão: Segurança de prédio e Editor

Status: Sobrevivente

Porque vive No Limite: “*No Limite* não é apenas força, é também concentração, segurança, estabilidade emocional. Como editor de revistas de arte e segurança de centros culturais eu desenvolvi tudo isso. Tenho as medidas certas para vencer.”



Maurício – Eu me lembro do comentário da Andréia quando estava sendo eliminada, chorando: “Puxa, eu fiz tudo direitinho, eu segui as regras, joguei certo, matei quem tinha que matar. Como que eu perdi? É ilógico!” E é verdade, ela tinha que ter ganhado.

Spensy – Quem venceria na versão americana aqui não ganhou. Se fosse fazer uma final entre os dois mais “poderosos” seriam o Marcos e a Andréia... Isso também é muito Brasil...

Newton – Não é quem tem mais força que ganha...

Alfredo – Mas foi uma aula de inteligência da Elaine. Primeiro, ela ficava atrasando a equipe, mas deu sorte, porque ficava neutra. Todo mundo torcia pela Pipa,

que é bonitinha, humanista, foi capa da Veja...

Maurício – A Elaine teve uma sorte divina, foi esmagando os oponentes...

Newton – Inteligência política. A menininha que se posiciona bem no jogo...

Spensy – E naquele episódio em que tiraram o Jeferson, o cara que fazia ioga. Foi justamente quando ele apontou um desvio do outro...

Alfredo – Ele achou balinhas escondidas numa mochila, acusando a Andréia. O Tiago se entregou, mas todos entraram num consenso de que era absurda aquela denúncia, ele não tinha comido nada. Mesmo tendo apontado uma falta ética, foi excluído no mesmo dia...

Maurício – É outra diferença entre a versão americana e a brasileira. Lá, o Tiago teria sido eliminado na hora.

Alfredo – Numa democracia capitalista séria...

Newton – Aqui, se você denuncia alguém, começam a perguntar por quê, como descobriu, quais seus interesses...

Newton – Têm as provas e ficam discutindo como se descobriu o crime...

Maurício – O FHC vai na TV dizer:

“Quem denunciou a pasta rosa não sairá impune!”

Spensy – Você foi filiado ao PT, não foi? Fala a verdade. Você se confessava, ia à Igreja! Tô sabendo...

Alfredo – Curioso que nesse programa em que o tal sujeito foi expulso ele ficava fazendo ioga, meditação...

Spensy – Claro, meditação, denúncia, isso é coisa de vagabundo. O negócio é trabalhar: rouba, mas faz, esse é o mandamento.

Alfredo – A tropa de elite da Globo foi posta nesse programa...

Maurício – Só que o *Na Real* da MTV é bem mais competente no aproveitamento dos conflitos do cotidiano. Eles filmam numa cidade, têm mais mobilidade, seguem cada um dos personagens com uma câmera o tempo inteiro. É uma articulação bem mais complexa. Ali naquele acampamento os conflitos eram mais restritos, pouco drama, aquela lenga-lenga, “quem roubou meu caqui?”...



Nome: Maurício Hirata F.

Profissão: Balconista de padaria e Editor de arte

Status: Sobrevivente

Porque vive No Limite: “A luta pela beleza e pela estética é longa e inglória. De sanduíches de mortadela e pingados a revistas de cinema tudo precisa ser harmonizado, a mistura certa de maionese e mostarda para cada tipo de recheio, a organização metódica das sementes de gergelim. Mas não importa, não descansarei até a última coxinha ter a mesma quantidade de recheio e massa, isso é viver No Limite.”

Spensy – É interessante como essa tendência de programas *real life* acompanha a proliferação das câmeras digitais, as novas tecnologias...

Alfredo – A idéia de que todo mundo pode fazer um filme. Mas também a idéia de que todo cotidiano é rico, cheio de possibilidades para gerar arte... A hipótese de que o real é mais interessante que o mundo artificial das novelas...

Maurício – Mas é também dizer que na verdade a novela é tão real como o cotidiano, então por que não filmar o dia-a-dia das pessoas?

Spensy – E há uma vontade de dizer “oi, mãe, tô aqui!”. Como a história de colocar na Internet a intimidade do casal trepando, ou o filho, desde o nascimento...

Maurício – Querer virar estrela... Realmente, hoje estar na TV é ser alguém. As pessoas querem aparecer. Nos EUA, isso está mais avançado, é mais nítido. Todo americano sabe dar entrevista na TV. Sabe falar para o vídeo, fazer frase de efeito. É parte da educação, ele sabe que vai aparecer na TV. A Monica Lewinski: era uma estagiária, mas sabia fazer o show, ela chora, faz o drama... No Brasil essa cultura não está tão avançada. Talvez por isso o pessoal de *No*

Limite não seja tão bom. Nos EUA todos já estão preparados para fazer o drama, choramingar...

Spensy – Mas eu achei alguns caras bons...

Alfredo – Alguns de fato entenderam a lógica da performance. A Pipa, a Andréia viram que o que estava em jogo eram as lágrimas, os julgamentos: a performance. O que está em jogo é ser interessante. Falar de um companheiro, ou fazer uma piada, ou revelar algo em público...

Spensy – Parece que os cariocas se davam melhor nisso...

Alfredo – É a Rede Globo, né?

Maurício – A Andréia fez implante nos seios para ir para o programa, duas semanas antes. Queria aparecer direito na TV. Chegou lá, ficou o tempo todo com uma blusinha, expondo o negócio... Pimba, capa da Playboy.

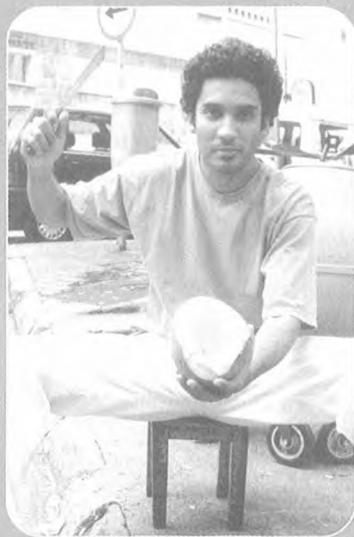
Alfredo – A própria agressividade dela. Ela teve muita clareza, assumiu o papel de megera, criou um personagem. Ela era um dos poucos, aliás, os outros eram meio diluídos, meio bonzinhos... Ela não, ela era alguém. A Pipa tentou um pouco, mas no final virou a boazinha que perdeu para a cabeleireira estrategista.

Maurício – Que era daquele jeito dela, mãezona.

Alfredo – Tipo dona de casa, o grande público de TV. Elas é que pediram o golpe, colocaram Collor no poder...

Spensy – Lembra que a Irma, aquela outra dona de casa, conseguiu se manter três, quatro episódios sem ser eliminada só porque cozinha bem?

Alfredo – Também é interessante que no final tenham ficado quatro mulheres. A Marta Suplicy liderando em São Paulo, a capa da Veja com uma reportagem feminista... Foi uma semana inteira para as mulheres.



Nome: Paulo Alcoforado
Profissão: Vendedor de coco e Crítico de cinema.
Status: Eliminado
Porque foi eliminado: “Fui eliminado porque, como não tinha com quem deixar o carrinho, tive que carregá-lo durante as provas. “

para que ela seguisse com as provas... Foi a imagem do avesso. Ou seja, as mulheres no poder, desde que o homem esteja sempre um pouquinho acima...

Spensy – Mas o Zeca Camargo não é gay?

Newton – Então dá um paralelo com o vencedor americano...

Spensy – O heterossexualismo está fora de moda.

Alfredo – São os grandes alvos das piadas, os velhos monogâmicos, heterossexuais.

Maurício – É um pessoal de extrema direita, associado ao capitalismo, republicanos, agressivos, não compreendem o que é ser gay... Mas parece que esse cara que ganhou foi o mais simpático, ficava na moita, não hostilizava ninguém. Algo mais planejado, não como a Elaine, que ganhou porque deu sorte...

Newton – Novamente a questão da performance.

Alfredo – Agora, claramente, eu acho o programa mais interessante pelo que não exibiram. O trabalho a que as pessoas se deram para aparecer na TV. As mulheres, por exemplo, claramente se articularam para tirar os homens. Isso é nítido. Toda essa articulação, as conversas em off, teorias conspiratórias. Seria interessante se mostrassem os homens protestando...

Maurício – Mais ou menos: um episódio antes eles estavam em número igual,

porém como a lógica era eliminar os mais fortes, tanto homens como mulheres votaram para tirar Anderson e Tiaguinho.

Spensy – Os que tinham ficado eram justo os mais inofensivos: um era bailarino e o outro... o diminutivo no tratamento já diz tudo.

Newton – Mas, e a Andréia?

Maurício – Ela quase foi eliminada duas vezes. Só se salvou quando o Jeferson foi excluído.

Spensy – Por que será que intelectual tem tanto nojo de escrever sobre TV? Tem uns que parece que escreveram sobre *No Limite* com luva de borracha...

Newton – O pessoal gosta ler livro antes, senão fica ruim pra escrever...

Alfredo – Ninguém quer falar bem ou mal antes de ter certeza, de algum fodão dizer se é bom ou ruim... A Veja, por exemplo, foi ambígua, “O Povo na TV”. Era uma crítica, um elogio? Ninguém quer falar bem ou mal. Vai que dá certo?

Maurício – Vai dar pra ter uma idéia melhor quando fizerem o 2.

Alfredo – Acho que as pessoas que vão se candidatar agora são gente que já entendeu o espírito do programa e vão ter uma performance bem melhor. O importante não é ganhar o prêmio, é posar para a Playboy, virar ator, continuar na mídia, virar o personagem...

Spensy – Engraçado que essa coisa de posar pra Playboy também está se constituindo como algo bem brasileiro.

Maurício – Como um degrau pra fama...

Spensy – Eu falo em termos de comunidade, de rede de comunicação. Como uma extensão da fofoca, a necessidade de “ver pelado” e de todo mundo querer saber quanto ganhou pra isso... Tipo “quem dá mais?”. Fulana que vai posar de novo

Spensy – É engraçado que nos EUA quem ganhou foi um gay, que teoricamente é o “homem perfeito”, o cara que não liga pra mulher, não gasta energia com isso, narciso, totalmente produtivo, não vai nem deixar herdeiro, não tem filho pra criar. Perfeito para o sistema – não é à toa que o tal do mercado gay é o que mais cresce etc. É como Esparta, sociedade guerreira, totalmente eficiente e homossexual. No Brasil, é o contrário: ganha a cabeleireira da mulher do Maluf...

Maurício – Nossa! Ela era malufista?

Spensy – Acho que só não apareceu na campanha dele porque tinha contrato com a Globo. Bem, mas outra diferença é que o *Survivor* era de fato numa ilha hostil, enquanto *No Limite* acontecia num lugar que, pelo que falam, é até meio paradisíaco...

Alfredo – Curioso que a imagem que se contrapôs ao fato de terem ficado as quatro mulheres para a final foi a Pipa rastejando aos prantos, enquanto o semideus Zeca Camargo, impassível, dava instruções

adversário muito forte.

Alfredo – Eu voto no Maurício porque ele está com fome e, pelo bem dele e da família dele, acho que ele tem que voltar pra casa e cuidar da namorada, ela está com saudade. Deixa a gente lutar pelo grande prêmio.

Maurício – Eu voto no Spensy, porque ele está atrasando, ele é arrastado, é lento, não tem uma performance condizente com o grupo, veio pra atrapalhar o debate, nitidamente sabe muito menos que nós, levanta demais pra ir mijar. Não tem condições...

Newton – Eu voto no Maurício, porque ele fala muito, não leva nada a sério, incomoda demais, falou um monte de bobagens...

Spensy – Ele é curitibano também...

Newton – Então, com dois votos, o Maurício está eliminado.

Alfredo – Bom, todo mundo sabe que, no Papo de Bar da Sinopse, quem é eliminado paga a conta...

Maurício – Essa regra é nova...

Alfredo – Não cabe a vocês questionarem as regras que eu, no papel de Zeca Camargo aqui, estabeleci.



Nome: Spensy Pimentel
 Profissão: Papai Noel e Jornalista
 Status: Sobrevivente
 Porque vive No Limite: “Noel ou jornalista, o problema é que nem as criancinhas acreditam mais na gente hoje em dia...”

porque colocou silicone nos seios...

Maurício – Nova versão, 2.0

Alfredo – Assim como o cinema tem janelas, começa na sala de exibição, depois vai para o videocassete, TV a cabo, essa é uma janela possível da cultura de massas: da Playboy à Trip, Sexway... Os outdoors hoje ilustram bem isso. O Fulano lá que inventou a Tiazinha e a Feiticeira já sabia que elas iam acabar na capa da Playboy, já visava essa janela. Pra chegar lá elas seguem uma carreira de umas dez revistas, tudo bem planejado...

Spensy – São os cafetões eletrônicos...

Mas, pra terminar, vamos escolher quem sai, então? Cada um vota em quem acha que deve sair. Eu voto no Newton, porque ele chegou por último, já comeu demais e é um



Vila Madalena